



ANGÉLICA FREITAS & LU MENEZES

**“A possibilidade de descobrir coisas que
não sabia antes é exatamente o móvel da escrita”**

Lu segurava a caixinha de doces de Angélica que eram meus. Assim os doces coloridos cristalizados chegaram até mim. Da mão de Angélica para a mão de Lu para a mão de Lu e Angélica para minha mão. Tem algo de escrita de poesia nesse caminho e, o que quer que isso signifique, tem poesia de mulheres nessa história toda.

Afeita às vanguardas e formada em Comunicação, Angélica Freitas sempre se sentiu à vontade para tecer desabusadas homenagens ao cânon e buscar na internet motivos para poemas, logrando, em ambos os casos, o apreço da crítica e o aplauso do público. Lu Menezes fez doutorado em Literatura Comparada, mas cultivava uma certa distância dos círculos literários e, em quase 40 anos de publicação em livro, lançou apenas três volumes – que lhe bastam para ser enaltecida pela sutileza e o rigor dos versos, vários selecionados para antologias representativas da melhor poesia brasileira de nossos dias.

A roda de conversa sobre a poesia de Angélica Freitas e Lu Menezes naquela manhã de setembro na Faculdade de Letras da UFRJ não poderia ter sido melhor. Falamos sobre forma poética e linguagem, ritmo, métrica, cor e canção, experiência literária e experiência do mundo, fazer poético e leitura de poesia, tradição e invenção, cultura pop e cultura erudita, criação e internet, literatura em sala de aula, ironia e humor, enquadramento e empoderamento. Obviamente, nessa roda, não faltaram as leituras dos poemas.

Passados três anos desde aquela primavera de 2015, quando abrimos o VI Encontro do Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea com a mesa sobre poesia – porque, é claro, poesia sempre tem que abrir o evento –, aquele papo entre doses (e doces) de razão e afeto com Angélica e Lu é publicado. Se neste fim de 2018 vemos um cenário político se desenhando no Brasil sob a marca do fundamentalismo religioso e da ameaça do racismo, da homofobia e do sexismo, a conscientização sobre a escrita de poesia e o lugar de fala das mulheres torna-se uma necessidade. A poesia é forma de linguagem, mas também é forma de resistência.

Nestes tempos sombrios, mais do que nunca e com toda forma, ninguém pode soltar a mão de ninguém – doce e calejada.

Anélia Pietrani

Anélia – *A primeira pergunta que gostaria de fazer a vocês tem relação com o caminho de se chegar a um livro. Tomo inicialmente o exemplo de Angélica, que, em uma entrevista, disse que Rilke shake (2007) é “um apanhado de poemas que escrevi”, e em 2012 publicou o livro um útero é do tamanho de um punho, todo grafado em letra minúscula, o que me parece significativo. Sei que estamos lidando com literatura contemporânea, e muita obra de vocês ainda será publicada, mesmo assim (e talvez por isso mesmo) pergunto: no ato de feitura de um novo livro, já existe, ainda que em processo, uma ideia de obra em curso, digamos, coerente, ou há sempre a busca de uma linguagem surpreendente, nova? Na composição de um livro, de uma seleção, de um “apanhado”, vocês buscam a unidade desse livro e os traços de coerência profunda entre os poemas? Em que instante, poético ou metafísico, percebem que têm em mãos um livro acabado e pronto?*

Lu – Anélia, achei essa questão ótima. Tentarei responder, porque ela é tão boa que demandaria uma resposta extensa. No meu caso, é uma questão rítmica, simplesmente. Sinto que você partiu de certa duplicidade perfeitamente compreensível entre significante e significado. Perdoe-me se eu estiver sendo sumária demais. Quando há ritmo, quando há sonoridade, quando acho que o livro pode ser lido com prazer, eu o considero acabado. Mas acho que você também está colocando em pauta a questão da organicidade semântica das camadas de sentido. E isso é mais complicado, porque sou um ser fragmentário e esse caráter fragmentário se reflete na poesia. Não acho que haja uma unidade, a não ser que seja devidamente distribuída em núcleos de atenção. Agora, a pessoa pode pro-

gramar um livro que verse sobre um tema, exclusivamente. Não é meu caso. Nunca cheguei a fazer isso, a não ser bem recentemente, mas é algo ainda inédito, para certa coleção. Houve um tema sugerido pelo meu parceiro de coleção, e isso me permitiu uma liberdade bastante nova em relação a essa organicidade que você pôs em pauta. Acho que ainda não posso falar em “obra”. Acho um termo muito solene. Mas acredito que haja blocos e termos temáticos, certos núcleos, e que o conjunto desses núcleos, desses focos de atenção configure não uma obra, mas um certo território já percorrido.

Angélica – No início da pergunta, eu disse que a Lu deveria falar primeiro porque ela tem três livros publicados e eu, dois. Ainda me considero muito verde na poesia. Tenho três livros: dois de poemas e um que é uma *graphic novel*, como se fosse uma novela em quadrinhos. Essas três experiências foram muito diferentes. Meu primeiro livro, como a Anélia disse, não foi pensado para ser livro. Eram poemas que eu já tinha escrito. Surgiu a oportunidade de publicação e selecionei aqueles que achava que estavam bons e podiam ser lançados. Dentre esses, escolhi aqueles que tivessem um diálogo com os demais. Não digo que haja uma unidade temática no primeiro, mas eles são afins. Já o segundo escrevi pensando que seria um livro. Sobre os poemas do primeiro, para vocês terem uma ideia, eu não tinha nenhuma expectativa de publicá-los. Não pensava que um dia viria a ler esses textos diante de um público. O segundo foi uma experiência bem diferente do primeiro: além de eu ter ideias para escrever o que seria um livro sobre mulheres, tinha a possibilidade de

publicação. Então seria um livro que, se eu conseguisse escrever, sairia. Acho que isso deve ser uma situação que muda as coisas. E mais: eu tinha um prazo para entregar. Não era um livro no qual poderia me estender indefinidamente e ficar trabalhando os poemas. Eram dinâmicas muito diferentes. Para escrever a história em quadrinhos, eu também tinha um prazo. Apesar de achar que se trata de uma linguagem parecida com o que faço em poesia, também acontece outra dinâmica, porque tive que contar uma história, que é uma coisa que, de repente, em um nível mais micro, faço nos poemas. Mas tive que realmente levar aquela história adiante. Esses dias caiu-me a ficha de que podemos pensar que os poemas de *Rilke shake* compõem um livro, enquanto os poemas de *um útero é do tamanho de um punho* compõem outro. Mas existe também um livro físico, do qual me sinto muito afastada no momento em que penso que esse objeto não é meu. Pertence a uma editora. É meu e não é meu.

Anélia – *É do leitor também.*

Angélica – Do leitor no momento em que ele adquire a mercadoria. O que você tem é uma mercadoria e não acho que um livro seja necessariamente a consequência de escrever os poemas. Podemos pensar que vamos publicá-los e que vão ocupar esse espaço feito de papel, cola e linha. Mas, hoje em dia, depois de ter lançado esses dois livros, a publicação não é uma coisa que me preocupe muito. Concordo com a Lu. Acho que o livro está pronto quando pode ser lido com prazer. E é interessante a ideia, pelo menos para mim, de ter me

concentrado em um tema no segundo livro, pois cada vez mais acho que a escrita é uma forma de investigação. Estive assistindo à série *Orange is the new black*, que se passa em uma prisão americana de mulheres. Na terceira temporada, há a Suzanne Warren, que é a Crazy Eyes, uma detenta. Essa detenta escreve uma história de ficção científica meio pornográfica. Começa a escrever em umas folhas de papel e passa para as outras colegas, que ficam enlouquecidas porque querem saber o que acontece: “E aí, fulano fica com fulana?”, e ela diz: “Parem com isso. Ainda não escrevi a continuação. Como vou saber o que acontece?”. Minha experiência de escrever é exatamente assim, uma forma de saber o que acontece depois. Foi o caso com *Guadalupe*. Eu tinha uma ideia de para onde a história iria, mas as coisas começaram a acontecer e fiquei sabendo só ao escrever. Com os poemas de *um útero é do tamanho de um punho*, também. Me estruturei em séries para ver o que iria sair. Por exemplo, a seção que abre o livro chama-se “uma mulher limpa”. Peguei essa ideia de uma mulher limpa. Fui desenvolvendo e tirando poemas dali. Então foi de novo uma maneira de ver o que vai acontecer. É uma maneira de investigar. De investigar o quê? Tanto pode ser um tema quanto pode ser o que a gente consegue fazer por escrito, com a linguagem. Agora, sobre a questão de uma obra coerente, não sei se é uma preocupação, mas acaba havendo uma coerência entre os livros. Não sei se isso é uma evolução, mas, pelo tipo de inquietação que tenho, o que escrevo é uma forma de levar meu pensamento adiante. Também sairei em uma coleção que acho que é a mesma da Lu. Estou trabalhando em uma série de poemas que sairão

em um livro mas, por enquanto, gosto de pensar que tenho tempo e espaço para deixar minha mão livre.

Anélia – *Vou insistir um pouco mais na questão da forma do texto. Quando lemos os textos da Lu e da Angélica, observamos que elas usam, predominantemente, versos livres e talvez se possa pensar que não existe em sua poesia uma rigidez formal. A Lu, por exemplo, tem um poema chamado “Iluminação a esmo”, cuja última estrofe diz:*

Pouco te importa
 A rima em “ão” ou “ás”
 Neste poema – só vale a pena
 Salvar-se seu tema
 Salvar-se sua questão

Uma primeira leitura leva a pensar que se está querendo colocar o “tema” e a “questão” em evidência, mas não passa despercebida ao leitor a similitude fonética entre “poema”, “pena” e “tema”, formando uma “quase rima” que puxa essas palavras para o mesmo campo semântico. Parece que estamos em uma armadilha. O poema “uma mulher limpa”, de Angélica, é todo organizado em quatro versos, dispostos graficamente em estrofes que parecem ter o mesmo tamanho, visualmente falando. É um poema bem quadrado, podemos dizer. Sempre digo a meus alunos que um poema tem que ser lido em voz alta e tem que ser visto na página do livro. A plasticidade do poema também conta, assim como a escolha de sua cor. Parece que a Lu, por exemplo, gosta de azul, gosta de cor. Seu livro Onde o céu descasca (2011) é bom exemplo

dessa predileção pela cor no texto poético, que talvez tenha a ver também com sua tese sobre a cor em João Cabral de Melo Neto e Wallace Stevens. Ouçam agora este outro poema da Lu:

Música de Moebius

Enguias-de-jardim
 como havaianas de Honolulu
 no fundo do mar o imitam:
 longilíneas
 ondulam
 e em silêncio
 solam solidárias,
 cada qual
 simulando
 ser simultaneamente
 além de peixe
 serpente e vegetal
 em meio aos
 meneios da visível
 música de Moebius que modulam

A partir desses exemplos, pergunto: como vocês sabem que encontraram a forma que vai dizer o que vocês querem dizer? Como a experiência do mundo e a experiência da linguagem se encontram na poesia de vocês?

Angélica – Nunca tenho certeza se a forma final do poema é a que ele deveria ter. Acho que não dá para ficar mexendo para

sempre. Tu citaste o poema “uma mulher limpa”. Acho que busquei fazer tudo organizado porque, nesse poema, estou, basicamente, expondo algumas coisas que a gente dá como certas ou que deveriam sê-las. Então, começo dizendo:

porque uma mulher boa
é uma mulher limpa
e se ela é uma mulher limpa
ela é uma mulher boa

E há quatro estrofes. A forma realmente faz parte da intenção do poema, que talvez seja também questionar essa coisa “organizada” da poesia e da mulher. Não sei se é uma questão que conseguiremos resolver em algum momento. Acho que podemos chegar a uma ideia de como o poema deve ser e, de repente, nos damos conta de que não é assim. O que me interessa mais, partindo da ideia da poesia como investigação das possibilidades da linguagem, não é uma questão que eu ache que vá conseguir resolver.

Lu – Eu também não conseguiria responder. A questão da Anélia exigiria uma resposta muito pensada, porque essa relação da gente com o mundo exterior e com nosso próprio universo subjetivo é muito complexa. E é muito boa a questão. Agora, do ponto de vista formal, isso que a Angélica disse, por exemplo, de escrever como possibilidade de ter a surpresa da descoberta de coisas que não sabia antes de escrever, no meu caso, é exatamente o móvel da escrita. O motor não é a expressividade. Uma vez uma moça em um evento, há muito

tempo, se virou para mim e disse: “Você poderia dizer como é que a gente faz para dizer o que está preso na gente?”. E ela bateu no peito: “Eu tenho tanta coisa aqui para dizer, para exprimir”. Não faz sentido. Esse tipo de passagem e transição não existe. Mesmo a experiência íntima é algo bastante mediado, pode passar por mediações inúmeras. Você pode lembrar-se de como estava se sentindo há cinco minutos de uma forma que não seja fiel ao que você estava de fato sentindo. Enfim, é descoberta, não expressão. Quanto à forma, tenho vários problemas ao longo da escrita. O ritmo é um deles. O corte do verso, por exemplo. Você leu um pedaço de um poema em que o lado metapoético transparece. Isso é algo ocasional. Em princípio, não me interessa fazer metapoesia, mas é irresistível, às vezes, levar em conta as circunstâncias materiais da produção daquilo que você está realizando. E sobre o que a Angélica disse acerca do livro físico, acho que o *Dau Bastos*, aqui presente, e eu passamos por uma experiência teórica muito interessante durante nosso doutorado na UERJ. Nela, a materialidade da comunicação era sempre posta em jogo. Isso é algo que nunca esqueci. Não sei até que ponto a Angélica intuitivamente sabe disso e leva em conta. O que você disse, Anélia, sobre ver a palavra, os signos gráficos... é por isso que é tão complicado editar um livro. Materialidade da comunicação, em princípio, é esse conjunto de elementos que, sem serem diretamente o sentido, contribuem para o sentido. Então quando você pede para os meninos estarem atentos – e quando a Angélica, ao falar da mulher limpa, dispõe os versos de forma mais rígida –, o que está sendo feito é metapoesia. Leva-se em conta a materialidade da comuni-

cação. Esse universo formal e subjetivo é bastante complexo, mesmo. A gente passaria a vida tentando falar sobre isso.

Anélia – *Esses dois poemas da Angélica talvez possam exemplificar o jogo entre experiência da linguagem, experiência do mundo e construção do texto.*

estatuto do desmallarmento

minha senhora, tem um mallarmé em casa?
você sabe quantas pessoas morrem por ano
em acidentes com o mallarmé?

estamos organizando uma consulta popular
para banir de vez o mallarmé dos nossos lares
as seleções do reader's digest fornecerão

contêineres onde embarcaremos os exemplares,
no porto de santos, de volta pra França.
seja patriota, entregue seu mallarmé. olê.

E outro:

não consigo ler os cantos

vamos nos livrar de ezra pound?
vamos imaginar ezra pound
insano numa jaula em pisa enquanto
os americanos comem salsichas

a pasta de amendoim nas barracas
querido ezra, quem sabe o que é cadência?
vamos nos livrar de mariane moore?

Esses dois poemas me levam a refletir sobre a tradição passeando no texto e também sobre “o fazer poético” como um fazer que se faz também como leitura. Falei anteriormente sobre a unidade. De fato, leio esses poemas e observo uma voz recorrente, que permanece. Mas há também uma voz irônica, irreverente, com a presença do humor, que, de certa forma, me faz pensar em uma brincadeira entre “tradição / traição”.

Angélica – Não é uma preocupação minha continuar uma tradição. Para algumas pessoas, pode ser uma questão. Para mim, não. Alguns autores e personagens aparecem em *Rilke shake* porque àquela altura eu estava lendo esses autores. Algumas pessoas estão lendo o Drummond e escrevem um poema à maneira do Drummond. Isso não é necessariamente uma homenagem. Talvez seja uma extensão da leitura daquele poeta. Em meu caso, foi uma maneira de responder e de dialogar, de alguma forma, com os autores que estava lendo. Estava lendo Gertrude Stein, mas, ao invés de fazer um poema à maneira da Gertrude Stein em *Tender buttons*, peguei aquilo que sentia e fiz um poema com ela no meio, chamado “na banheira com gertrude stein”. Quando falei do Ezra Pound, estava lendo *Os cantos*. Com muita dificuldade, mas estava. Sabia que tinha que ler aquilo, mas, no fundo, não sabia por quê. Eu pensava: “Ezra Pound, vamos ler, tem que ler”. Era como:

“Você tem que comer suas verduras”. Lia e achava: “Cara, tem alguma coisa errada comigo”. Foi exatamente em uma época em que comecei a ter contato com poetas e a ouvir o que as pessoas estavam falando. Ezra Pound era uma grande referência em São Paulo, até por causa da tradução dos irmãos Campos. Fui atrás dessa gente toda. Vejam só, tenho esse livro em casa. Tenho em inglês e também aquela tradução do José Lino Grünwald, que saiu pela Nova Fronteira. Sugiro “vamos mandar o Mallarmé de volta”, mas tenho o meu Mallarmé lá. De vez em quando, olho. Então não foi uma questão de “vamos acabar com o cânone”. Não foi uma tentativa de me rebelar contra alguma coisa.

Anélia – *O ato poético é um ato de leitura?*

Angélica – Para mim, sim.

Lu – Concordo com isso. Sobre essa pergunta a respeito da maneira como a tradição nos afeta, claro, há nuances em relação a isso. Em meu caso, um poema chamado “Utensílios” foi uma reação a uma espécie de prescrição de um poeta do alto Modernismo que não consigo me lembrar quem é. Acho que não foi o Drummond, embora o Drummond tenha um poema sobre palavras em que ele é um pouco prescritivo, sim. Não sei se foi o próprio Cabral... Pensei: “Uso as palavras que quiser. Não vou deixar de usar palavras por serem gastas”. Aí alguém diz: “Não use palavras gastas”. Usei o verbo “haurir”, mas usei entre aspas:

Para extrair
do alumínio seu lúmen
usaria

o desusado, exaurido
verbo “haurir”

E, mais adiante, o verbo é repetido. Chego a usar “haurindo-o”, “polindo-lhe”. Foi uma reação. Agora, tenho um poema com um verso que, de certa forma, tomo do verso belíssimo do Mallarmé: “Nuit, désespoir et pierrerie”. É sobre o desvio em relação a isso, sobre a leitura. Lembrem-se da questão da Anélia sobre o ato de ler. É sobre a vontade de ler. Acho belíssimo o Mallarmé, acho perfeito. Mas, pessoalmente, também o leio como “Nuit, espoir et pierrerie”. Gostaria de ler o poema “Luzes ao longe” porque foi feito quando os americanos invadiram o Iraque. É ligeiramente político em função disso. Nele, há essa referência, esse desvio em relação a Mallarmé, à tradição:

Luzes ao longe

Agora, é como se desse pedaço de vidro negro
com que pintores monocromatizam reduzindo
a tons, só tons a paisagem
 (“vidro de Claude”)
vasta mortalha derivasse, nuvem íntima
da tinta que o polvo-mor tanto aspira,
petróleo

derramado sobre as 1001 cores de Bagdá
respingando
o Rio
da vida inteira quando na fila dos alvos de cá
sua vez
chegar enegrecendo o Corcovado verde-jade
enegrecendo
palmeiras e azulejos do passado árabe-português
enegrecendo
o Pão de Açúcar – sonho celeste chinês,

de tal maneira que não possas mais
preferir ver ao anoitecer
“noite, esperança e pedraria” através
do amado verso de Mallarmé
(teu vidro de Mallarmé)
porque
só em tempo de paz
segregam esperança as reentrâncias da pedraria;
só em tempo de paz
luzes ao longe – algum remoto bem
anunciam mesmo a quem o desespero tangencia

Angélica – Lerei o “na banheira com gertrude stein” porque fiz referência a ele. Eu estava pensando que o modo de colocar os autores nos poemas pode significar alguma coisa para mim. Mas, ao virem a público, ao serem publicados, acabam entrando nos diálogos sobre a litera-

tura, podendo ter um efeito potencializado ou diferente, não é? Porque existe a discussão sobre pertencer ou não a uma tradição e entro com esse poema dizendo: “vamos nos livrar de Ezra Pound”, que foi sobre uma inquietação minha de “vamos jogar esse livro pela janela”. Pode ser alguma coisa como: “Será que ele ainda é pertinente?”. Mas vejo que, quando publicado, o poema tem outras responsabilidades.

na banheira com gertrude stein

gertrude stein tem um bundão chega pra lá gertrude stein e quando ela chega pra lá faz um barulhão como se alguém passasse um pano molhado na vidraça enorme de um edifício público

gertrude stein daqui pra cá é você o paninho de lavar atrás da orelha é todo seu daqui pra cá sou eu o patinho de borracha é meu e assim ficamos satisfeitas

mas gertrude stein é cabotina acha graça em soltar pum debaixo d'água eu hein, gertrude stein? não é possível que alguém goste tanto de fazer bolha

e aí como a banheira é dela ela puxa a rolha e me rouba a toalha

e sai correndo pelada a bunda enorme descendo a escada e ganhando as ruas de st.-germain-des-prés

Gertrude Stein tinha uma companheira chamada Alice B. Toklas e escreveu um livro intitulado *A autobiografia de Alice B. Toklas*, como se fosse a Alice B. escrevendo. Engraçadíssimo. Conta a vida que elas levavam em Paris nas décadas de 1930, 1940, um pouco antes da guerra, acho. Fala dos pintores, pois colecionava arte e era amiga de todos na época. Li esse livro e fiquei muito envolvida com o mundo da Gertrude Stein e da Alice. Por isso, fiz essa série “na banheira com Gertrude Stein” e coloquei a Alice no meio. Fiz umas cenas de ciúme, de triângulos amorosos. Enfim, foi uma maneira de fazer alguma coisa com o que estava sentindo pela Gertrude na época.

Anélia – *O tema do evento neste ano é criação e crítica, a relação do poeta com a crítica. O que pensam sobre a crítica feminista e que experiência já tiveram com ela?*

Lu – Sobre certos estilhaços, certas lembranças a respeito da crítica feminista, propriamente, eu não poderia comentar absolutamente nada. Mas lembro de me falarem: “Fulana se ressentiu do fato de às vezes existirem seleções em que só mulheres são convidadas. Ela disse que isso é uma forma de discriminação e que acha desagradável ser alinhada às outras mulheres”. Não vejo o menor problema de estar junto a outras mulheres, a uma seleção exclusivamente feminina. Que eu saiba, os homens jamais se queixaram de estar em um conjunto exclusivamente masculino. Acho que se queixar disso é uma espécie de ato falho, de um sentimento de inferioridade recalcado. Mas, enfim, não sei se é possível falar de uma escrita feminina. É perigoso. Prefiro falar de autoria feminina.

Gosto muito de ler poesia feita por mulheres porque tenho a impressão de que há um senso de realidade, de concretude do real mais presente em detalhes do que a feita por homens. Aliás, isso é algo que demandaria pesquisa, investigação. Já deve ter sido feito. É como se os homens tendessem mais à abstração e as mulheres, não sei, em função de inúmeros fatores, felizmente tendessem mais à concretude.

Angélica – É interessante isso. Me dei conta de que, quando vou à seção de poesia das livrarias, tento procurar autores que não conheço. Acabo sempre indo direto às mulheres. Estive na Itália, há pouco tempo. Não falo italiano, mas não consigo não comprar livro. Eu disse: “Não, vou ter que levar alguns”. Aí eu tinha lido alguns poemas da Alda Merini. Não sei se vocês já ouviram falar, mas foi uma grande poeta italiana. Pensei: “Tá, vou levar um da Alda Merini”. Então comecei a pegar, assim, uns livros de mulheres que não conhecia e foi uma coisa muito feliz, porque saí com duas poetisas sobre as quais nunca tinha ouvido falar, na esperança de que, com o *Google Translator*, conseguisse entender. Comecei a ler e está sendo muito legal. Descobri uma poeta chamada Jolanda Insana. E foi assim: “Jolanda Insana, vem comigo”. Levei para casa. É muito potente. Essa questão da literatura feminina não é uma coisa sobre a qual penso o tempo inteiro. Mesmo assim, sou uma pessoa muito desconfiada, acho que até por uma questão de sobrevivência. Então, no momento em que alguém vem dizer: “Ah, não existe literatura feminina”, fico pensando: “Ok, mas o que realmente essa pessoa está querendo dizer com isso?”. Acho que é uma coisa meio vaga. O que

é literatura feminina? É uma literatura escrita por mulheres? É uma literatura que dá conta da vida das mulheres? O que que é isso? Não sei se existe uma definição. A gente poderia pensar: “Ah, literatura feminina tem essa tendência às coisas mais concretas mesmo”. Mas é o que a gente acha a partir de nossa experiência como autoras. Fico muito desconfiada, porque tem sempre uma intenção por trás disso. Tem uma estatística dizendo que os livros de mulheres são menos resenhados que os de homens. Acho complicado a gente dizer: “Ah, não existe literatura feminina, é todo mundo igual”. Porque, pelo menos na parte da recepção, nessas coisas das resenhas – que são importantes porque, a partir dessa resenha, muita gente vai atrás dos livros –, não é igual. Posso pensar em algumas obras de escritoras e poetisas que, se fossem escritas por homens, teriam recebido muito mais atenção. Coisas recentes. Eu estava fora quando fiquei sabendo que a Biblioteca Nacional, por exemplo, resolveu não dar prêmios este ano para a poesia. Não sei muito bem o porquê disso.

Lu – Li no “Prosa e Verso” que a Biblioteca Nacional considerou que este ano não se inscreveu nenhum livro que merecesse o prêmio.

Angélica – Confesso que não fico muito por dentro dessas coisas. Isso de prêmio não interessa muito. Mas realmente acho que, na literatura, as coisas não são iguais para homens e mulheres. E aí teve essa história do Daniel Galera na Flip. Não era uma mesa sobre literatura feminina, era outra coisa. Ele disse: “Não, não existe essa coisa de literatura feminina”.

Não acredito que o Daniel seja um cara machista. Mas é muito complicado, ainda mais para um homem, chegar e dizer: “Não existe literatura feminina”. Por eu ter escrito esse livro com temática de mulheres, quase sempre me perguntam: “Existe escrita feminina?”. Digo: “Minha resposta depende de quem está perguntando”. Mas realmente acho que a coisa não é de igual para igual e que essa pergunta tem que continuar sendo feita.

Stefania Chiarelli (UFF) – *Minha pergunta vai para a Angélica. A Anélia falou sobre a história do Rilke shake. Fiquei pensando nessa coisa de triturar a tradição, digamos assim, e fazer disso uma outra coisa. Fiquei pensando também sobre a relação que você faz com esse diálogo com a tradição, que a gente sempre vai fazer, e com esse procedimento chamado “googlar”. Achei legal que você tenha falado de Orange is the new black. Depois você falou do Google, que você foi lá para buscar a tradução. Como você se relaciona tanto com essa tradição, que você põe no liquidificador, como com essa informação que está à disposição na Internet e que pode virar poesia?*

Angélica – A respeito do Google, escrevi meu primeiro poema usando-o, em 2004. Acho que estava procurando aquele episódio da vida do Rimbaud em que o Verlaine deu um tiro nele. Encontrei diversas versões do que tinha acontecido e alguns erros de data. Pensei: “Acho que vou pegar umas frases desses textos e fazer uma colagem para um poema”. Foi assim que aconteceu. Fui colando as frases sem muito critério, as que achei que soavam melhores e que tinham incorreções. Coloquei tudo junto. Olhei aquilo e pensei: “Hum, isso aqui

está interessante”. E comecei a fazer esse procedimento com outras coisas. Quando estava escrevendo o segundo livro, pesquisei como eram os textos sobre o corpo da mulher que estavam na Internet. Como é que eram escritos, que tipo de linguagem, que tipo de discurso era feito. Fiz o mesmo procedimento de procurar as frases, recortar e, nesse poema, tentei, sim, dar uma ordem. Não que contasse uma história, mas que basicamente levasse o leitor a um resultado inesperado. É um procedimento que depois descobri em uma conversa com o escritor e poeta argentino Pablo Katchadjian, que escreveu o livro *O Aleph engordado*. Ele pegou o conto “O Aleph”, do Borges, e botou mais palavras. Por exemplo, o cara sai da estação do metrô e vê uma propaganda de cigarros. No texto do Katchadjian, ele sai da estação do metrô e vê uma propaganda de cigarros mentolados. Ele foi processado pela Maria Kodama, viúva do Borges. Parece que agora a Justiça disse que vai arquivar o processo, mas, por um momento, surgiu muita tensão. Ele poderia ter que pagar uma multa enorme ou ir para a cadeia. O Pablo também fez um livro chamado *El Martín Fierro ordenado alfabeticamente*. Pegou todos os versos do *Martín Fierro* e ordenou alfabeticamente. Se vocês colocarem no Youtube “Pablo Katchadjian – *El Martín Fierro ordenado alfabeticamente*”, verão uma leitura que ele fez em um festival de Buenos Aires. Conheci o Pablo em 2007 e perguntei: “Pablo, estou fazendo uns poemas aqui com o Google, o que acha disso?”. Ele respondeu: “Acho legal. Tem uma galera fazendo isso”. Um cara na Argentina fez um livro só com poemas usando o Google. O nome é *Spam*. Não tenho certeza, mas acho que são todos feitos a partir de *spams* que ele recebeu. E há au-

tores nos Estados Unidos fazendo o mesmo. O que tentei fazer com esses poemas com o Google foi pegar frases já feitas, que estavam circulando na Internet, e colocar isso na cara das pessoas. Coloquei entre aspas a expressão “a mulher vai” para ver o que acontecia. Para levar isso mais adiante, coloquei “a mulher pensa” e “a mulher quer”. E, com “a mulher quer”, veio um festival de clichês:

a mulher quer ser amada
a mulher quer um cara rico
a mulher quer conquistar um homem
a mulher quer um homem
a mulher quer sexo
a mulher quer tanto sexo quanto o homem
a mulher quer que a preparação para o sexo aconteça
lentamente
a mulher quer ser possuída
a mulher quer um macho que a lidere
a mulher quer casar
a mulher quer que o marido seja seu companheiro
a mulher quer um cavalheiro que cuide dela
a mulher quer amar os filhos, o homem e o lar
a mulher quer conversar pra discutir a relação
a mulher quer conversar e o botafogo quer ganhar do
flamengo
a mulher quer apenas que você escute
a mulher quer algo mais do que isso, quer amor, carinho
a mulher quer segurança
a mulher quer mexer no seu e-mail

a mulher quer estabilidade
a mulher quer nextel
a mulher quer ter um cartão de crédito
a mulher quer tudo
a mulher quer ser valorizada e respeitada
a mulher quer se separar
a mulher quer ganhar, decidir e consumir mais
a mulher quer se suicidar

São frases encontradas em textos do Google. Outra coisa que fiz, e que foi muito reveladora, foi colocar no Google “a poesia não”. E aí vinham “a poesia não é isso”, “a poesia não é aquilo”. Por sorte, minha memória apagou as coisas que encontrei, mas é enorme a quantidade de gente dizendo o que a poesia não é. Engraçado que o Antônio Prata, não sei se publicou, mas colocou um link para o meu blog que tinha esse poema. Um poeta gaúcho me escreveu dizendo: “Ah, mas tu pegaste um verso de um poema meu”. Era a coisa mais banal possível, do tipo: “a poesia não é para fazer sentido”. Qualquer pessoa podia ter escrito aquilo. Ele começou a insinuar que eu o estava plagiando. Temos toda essa questão de o que é plágio, se posso me apropriar do que está aí, sobre o conceito de autoria. Ele ficou bastante ofendido, pois achou que eu tinha que dar crédito a todos os versos do poema. Imagina, seria um festival de notas de rodapé. Então, é um procedimento que acho que tem a ver com a investigação que a poesia pode ser.

Fabírcia Lopes Rocha (UFMS) – *Trabalho com o ensino médio e, sempre que falo de coisas como Orange is the new black,*

os alunos começam a me olhar de maneira diferente e acabam me dando mais atenção. Queria que vocês comentassem a importância de conhecer o universo pop, por meio, por exemplo, de produtos culturais como essa série.

Lu – Nada pode ser excluído da esfera de interesse de alguém que escreve ou de quem quer que seja. Não se pode também abranger tudo. Mas você se referiu ao universo pop, não é? Ele é muito vasto. E é claro que há sempre uma seletividade em relação a isso. Talvez a Angélica não leia *Harry Potter*, mas há outras faces desse universo que ela utiliza, como já prova sua poesia.

Angélica – Essa é outra questão que já me foi colocada várias vezes, a questão da alta cultura e da cultura pop, até por eu ter escrito um livro que se chama *Rilke shake*. Não é um grande questionamento para mim. Não fico pensando nas diferenças entre a chamada alta cultura e a cultura pop e nem quero abraçar uma coisa ou outra. O negócio é que vivo nesse mundo de agora. Falando da série *Orange is the new black*, bem, gosto de assistir a séries e isso faz parte de meu mundo. Se vai aparecer nos poemas depois ou não, não sei. Ah, na verdade, fiz um poema chamado “Breaking bad”, sobre essa outra série que eu estava vendo. É um poema sobre a mulher do Walter White, a Skyler. Nesse, puxei também a mulher do Tony Soprano e a relação dela com os maridos. A gente pode pensar que é um poema sobre a mulher, mas, na verdade, não é uma coisa que me tire o sono, quer dizer, ficar pensando se a cultura pop vai aparecer no que escrevo. Acho difícil que não apareça, porque faz parte do meu mundo.

Fabricia Lopes Rocha (UFMS) – *Só para complementar, Paulo Freire falava muito sobre quando nós, professores, atendemos à expectativa. Os jovens assistem a essas séries. Você faz a conexão da literatura com essas séries e isso é muito importante para o trabalho em sala de aula. É legal saber que uma poeta contemporânea está acompanhando esse tipo de produção.*

Angélica – Ué, mas poeta é gente, não é? Gosta de tomar uma pingada, comer pão de queijo...

Lu – Atualmente, a experiência está extremamente mediada. A TV, por exemplo, entra com certa frequência no que faço. Há um determinado poema que parte do fato de eu ter visto, na televisão, um índio no processo de namoro. Deixaram um espelho no meio do matagal. Fiquei impressionada com a fantasia desse índio se mirando no espelho. A notícia dizia que o espelho foi deixado lá para atrair o índio. O poema foi feito, em grande parte, em torno disso. É uma experiência vicária. A vicariedade faz parte de nossa vida. Um poeta chamado Aníbal Cristobo, que é excelente, chegou a fazer uma versão desse poema “tirando a música”, disse ele. Acho inevitável que a cultura pop entre no que fazemos.

Fabricia Lopes Rocha (UFMS) – *Sempre dizem: “Os jovens têm que ler os clássicos”, querendo enfiar os clássicos à força. Por isso fiz esse comentário sobre as séries. É importante a gente falar sobre os clássicos, mas também sobre o que está sendo feito*

no universo da cultura pop. Nem tudo é lixo. Tem muita coisa de qualidade rolando.

Angélica – Existem poetas que são contra, que não querem colocar nada de pop. Procuram fazer uma poesia que seja a mais fechada possível, que não tenha nada de relação com o contemporâneo ou que seja uma forma de reagir ao contemporâneo, que esses poetas acham ruim, pernicioso. Não consigo achar que não tenha nada de bom no que está sendo produzido agora. Gosto muito de pensar principalmente nas pessoas e no afeto entre elas. Não consigo achar que agora tudo é ruim. Como disse, fazer uma menção a alguma coisa que vi na TV ou a alguma coisa de que eu goste não é algo que precise barrar do que escrevo.

Ari Denisson da Silva (IFAL) – *Em dado momento da fala, surgiu a questão da forma. Eu estava lembrando de um episódio que aconteceu em outro evento. Uma amiga minha, que estuda a obra da Angélica, estava citando um poema dela chamado “mulher de vermelho”. Notei que a estrutura era quase toda em redondilhas, que aparecem muito em cordel. E a curiosidade que me veio foi a de saber se esse ritmo trazia uma sensação especial e, por isso, predominou no texto.*

Angélica – Tem um segredo nesses poemas: escrevi todos eles cantando. Por isso está metrificado. Mas não foi porque eu estava ali, contando cada sílaba. A metrificação não é uma coisa que eu ache importante. Não vou dizer que nunca escrevi pensando assim, porque já. Mas todos esses poemas das mulheres foram meio cantados.

Alessandra Zager (UFRJ) – *Fiz minha monografia, orientada pela Anélia, sobre dois livros: um útero é do tamanho de um punho, da Angélica, e Não vou mais lavar os pratos, de Cristiane Sobral. Falei um pouco sobre o feminismo e a questão do empoderamento feminino por meio da literatura de autoria feminina. E queria perguntar se vocês acreditam nesse poder da literatura de autoria feminina, não como uma função, mas talvez como um efeito, pelos questionamentos que os poemas levantam.*

Angélica – Olha, acho que pode acontecer de uma mulher ler um livro escrito por mulheres e achar que isso, de alguma forma, mudou a maneira de ela perceber o mundo, se perceber como mulher e de ficar mais atenta a algumas coisas. Estou lendo um livro recém-publicado, de uma poeta negra chamada Claudia Rankine, intitulado *Citizen: an American lyric*. Atualmente, é o livro de poesia mais resenhado e comentado dos Estados Unidos. É sobre racismo. Acho impossível que uma pessoa branca, negra ou de qualquer outro matiz de cor da pele leia e saia sem nenhuma alteração. Então acho que a literatura tem esse poder, que é inegável. E, nesse estágio de compreensão das coisas em que a gente vive agora, no Brasil, é algo muito importante. É aquela coisa: a gente sabe que tem os mesmos direitos, mas sabe que não é igual. A gente sabe que, dentro de uma firma, uma mulher desempenha a mesma função que um homem e ganha menos. Não sempre, mas é bem comum, porque ainda há essa ideia de que quem sustenta a casa é o homem. Não sei se essa é a única ideia por trás disso, mas, enfim, não é a mesma coisa.

Anélia – *É por isso que a literatura escrita por mulheres tem que ter seu lugar. Agradeço à Lu e à Angélica pela presença, de coração, de razão, seja o que for. Para mim também foi uma mesa muito importante, por motivos óbvios, miméticos talvez. Obrigada pela presença de todas e todos vocês.*